

# A CIDADE DE ÉVORA DURANTE A ANTIGUIDADE TARDIA ATRAVÉS DO MUNDO FUNERÁRIO/RELIGIOSO

THE CITY OF ÉVORA DURING LATE ANTIQUITY THROUGH THE FUNERARY/RELIGIOUS WORLD

Frederico Vieira (1)

## Resumo

No presente artigo temos como principal objectivo analisar a cidade de Évora durante a Antiguidade Tardia, focando-nos no estudo da esfera funerária/religiosa. Apesar de, até à data, não ter havido um contributo considerável para o estudo e análise da cidade de Évora para a cronologia anteriormente referida, é certo que esta ocupou algum destaque durante esta época. No caso de Évora não existem muitos dados que permitam tecer considerações no que diz respeito aos elementos que a constituem durante época tardia. No entanto, os poucos elementos que, até à data, foram descobertos, juntamente com o que se sabe actualmente sobre as cidades durante a Antiguidade Tardia, permitiram-nos conceber outras teorias sobre esta urbe.

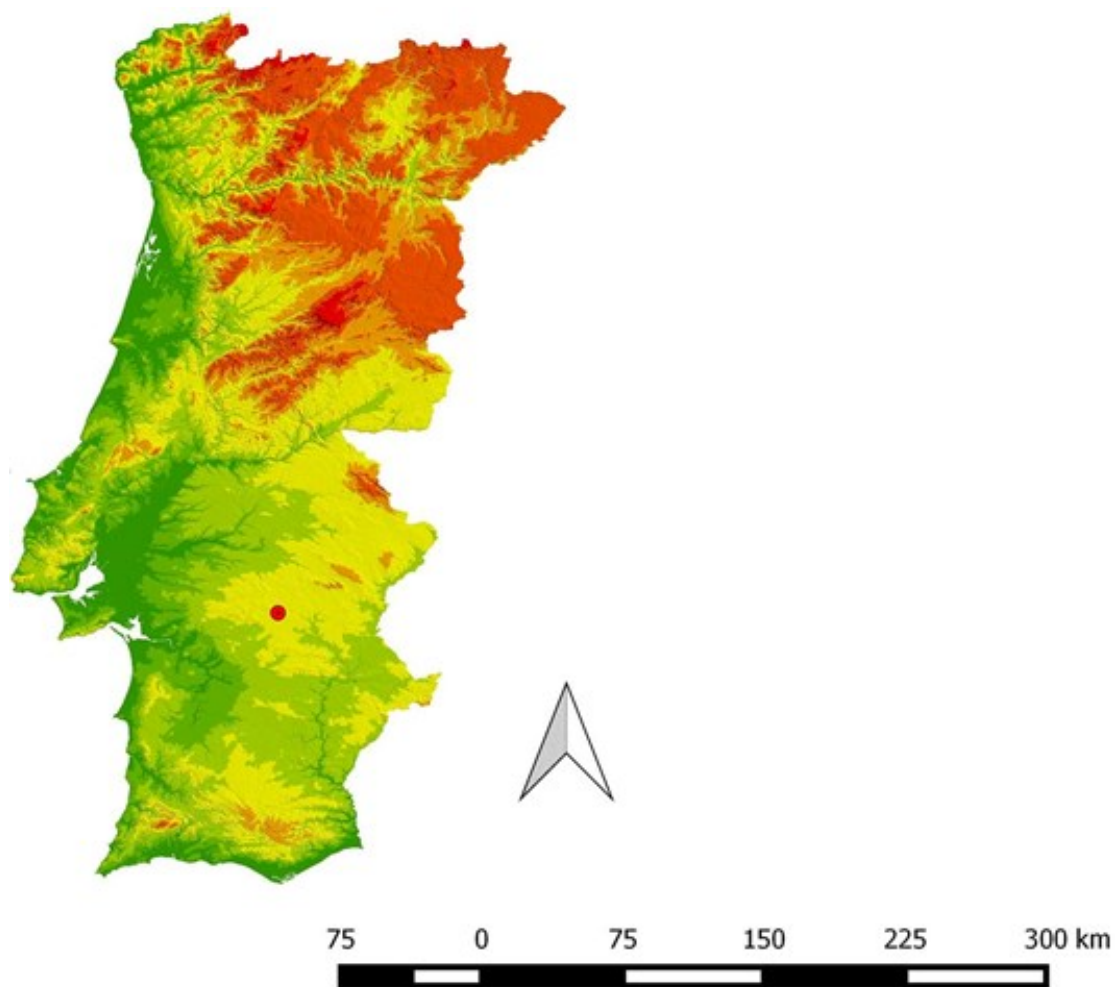
**Palavras-Chave:** Antiguidade Tardia, esfera funerária/religiosa, cidade, Évora.

## Abstract

In the present article we have as the main objective, analyse the city of Évora during Late Antiquity, focusing in the study of the funerary/religious sphere. Although, to the date, there wasn't been a considerable contribution to the study and analysis of the city of Évora for the chronology referred earlier, it is certain that it had some prominence during this time. In the case of Évora doesn't exist many data that permits formulate considerations concerning the elements that constitute it during this late chronology. However, the few elements that, to the date, were discovered, along with what is actually known about the cities in Late Antiquity, allowed us to conceive other theories about this *urb*.

**Keywords:** Late Antiquity, funerary/religious sphere, city, Évora.

(1) Investigador independente  
fred\_vieira92@hotmail.com



Mapa 1: Localização da cidade de Évora no território português (Elaboração própria a partir dos dados disponíveis no IGEO).

## 1. INTRODUÇÃO

O período conhecido como Antiguidade Tardia, para a cidade de Évora (mapa 1), é até à data, uma cronologia “obscura”. Principalmente, segundo as fontes, sabe-se que durante esta época a cidade teve alguma importância, e pelo facto de ter sido sede de bispado, mas quando nos debruçamos sobre os testemunhos referentes à cultura material existentes, estes transmitem-nos uma ideia de que, durante esta cronologia tardia, a urbe estava desprovida de prestígio, chegando por vezes a ser relegada à categoria de cidade com “pouca importância”.

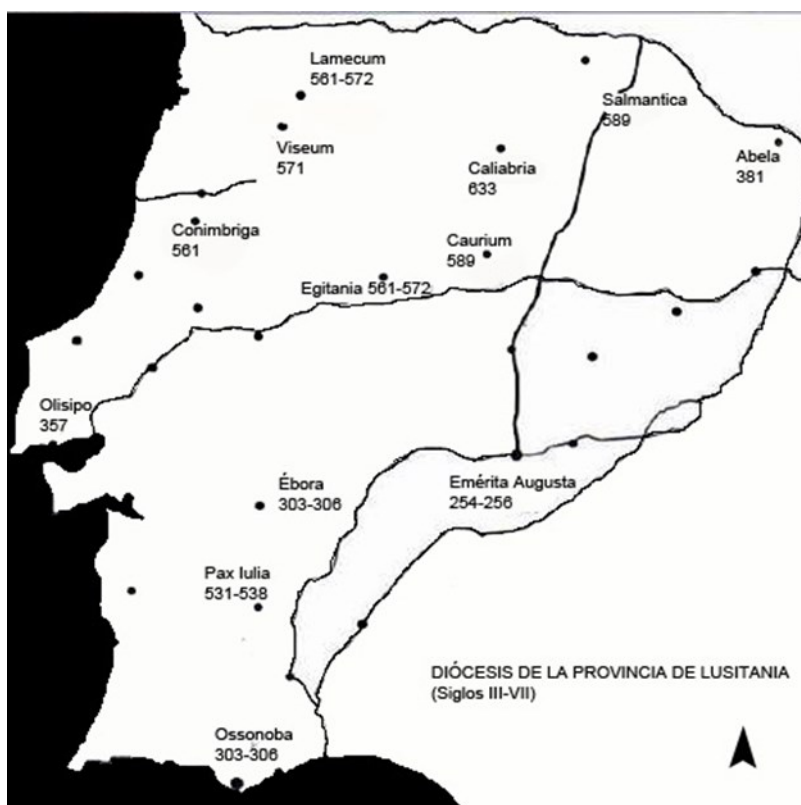
Queremos, com o presente artigo, apresentar outras teorias. Iremos analisar o mundo funerário/religioso na cidade de Évora, um elemento de extrema importância durante a Antiguidade Tardia. Fundamentámos o nosso estudo com recurso à análise espacial e ao que até à data foi descoberto na urbe, fruto das intervenções arqueológicas.

## 2. A CIDADE DA ANTIGUIDADE TARDIA

Ao longo do século IV percebe-se uma progressiva substituição da organização administrativa e territorial romana por outra que vai lentamente sendo implantada pela Igreja. Esta irá tomar o controlo da administração e evolução do território a partir das sedes episcopais nos diversos territórios das dioceses que se vão configurando. Na província da Lusitânia algumas sedes de *conventus* como Beja (elevada a bispado só em 531) ou Santarém não foram, inicialmente, elevadas à categoria de sede episcopal, enquanto outras povoações como Évora ou Faro o foram. No momento de promover determinadas cidades deve ter sido tido em conta outro tipo de factores, tais como geopolíticos, para além da importância

de determinadas povoações principais e secundárias na esfera político-administrativa romana. Não se deve esquecer que estas povoações localizavam-se perto de grandes vias, o que pode ter contribuído para o facto de terem sido elevadas à categoria de bispados (López Quiroga e Bango, 2005: 30; Vieira, 2016: 37).

No que diz respeito às cronologias referentes ao estabelecimento de dioceses da província da Lusitânia as datas oscilam entre a metade do século III até ao VII. A primeira a ser estabelecida é, por questões óbvias, Mérida, sede metropolitana. Durante o século IV o número das sedes aumenta em quatro, enquanto no século V não existe alguma referência que permita considerar que o número tenha aumentado.



Mapa 2: Sedes Episcopais (Cerrillo, 1995b).

Talvez esta situação tenha a ver com a situação que se vive na Península durante este período. No século seguinte o crescimento é significativo, aumentando em sete, enquanto no século VII, com a administração eclesiástica já consolidada, só aparece *Calíbria*, referida pela primeira vez em 633 (Cerrillo, 1995b: 360; Vieira, 2016: 49).

A constituição da cidade da Antiguidade Tardia deve entender-se como um longo processo que, em grande parte, se define através de uma nova configuração do espaço urbano. A ordenação da urbe irá reger-se por uns pressupostos distintos dos da cidade clássica: observa-se o progressivo abandono dos modelos reticulares e tudo o que a sua implantação supunha. Assiste-se à reutilização dos grandes edifícios e espaços públicos que tinham caracterizado a imagem da cidade clássica (Gurt e Sánchez, 2008: 182; Romaní e Acero, 2014: 1801; Vieira, 2016: 37).

Do ponto de vista da urbanística cristã é um facto que certas áreas das cidades se tenham modificado devido à instalação de novos edifícios destinados ao culto cristão, resultado de uma profunda elaboração derivada de planificações hierarquizantes e burocratizantes que a nova religião começou a elaborar, sobretudo a partir do século VI na Península Ibérica. A instalação arquitectónica no interior das cidades pode ser o resultado da presença de igrejas/basílicas, não significando necessariamente a substituição radical das antigas áreas de culto romanas pelas cristãs, nem as situadas no interior das áreas do fórum. As igrejas e os edifícios episcopais foram construídos em espaços urbanos sacralizados ex

*novo*, e criados *ad hoc* sobre áreas de prestígio, como é o caso da implantação das basílicas cristãs nos espaços das civis. De igual importância é a criação de áreas de culto aos mártires nos subúrbios das cidades, que podem ter actuado como um fenómeno de atracção de uma população flutuante de peregrinos, com benefícios para qualquer cidade, sendo importante referir um dos casos mais conhecidos, a Igreja de Santa Eulália em Mérida. De certa forma os sectores responsáveis pela nova urbanística tiveram respeito pelas antigas áreas, tal como se pode observar em Évora e Mérida onde sobreviveram excelentes exemplos de templos romanos, apesar de terem sido utilizados para novas funções e por isso ocultos, e onde as áreas de culto cristão foram edificadas fora do recinto do fórum, próximas, mas nunca sobre este (Cerrillo, 1995a: 26-27; Vieira, 2016: 40).

Pensa-se que a maior parte das igrejas era, nos séculos IV e V, construída fora do centro da cidade, ainda que intramuros, e que, com o abandono progressivo dos edifícios públicos romanos, começassem a ser construídas em zonas mais centrais. As igrejas episcopais eram normalmente integradas num complexo conjunto de construções que incluíam além da igreja escola episcopal, onde os catecúmenos eram iniciados ao baptismo, o próprio baptistério, que até ao século VII realizava este ritual com recurso à imersão. Este edifício localizava-se numa estrutura anexa à igreja e à casa ou palácio do bispo. Nos primeiros tempos só o bispo é que tinha direito de baptizar e de realizar a eucaristia, o que explica a importância dos edifícios onde estes sacramentos eram

efectuados (Wolfram, 2013: 288; Vieira, 2016: 40).

Um dos factores que mais incidiu na desarticulação urbana da cidade clássica foi a transformação das estruturas monumentais e dos edifícios públicos mais emblemáticos. Como resultado do fenómeno de transformação que afectou a maior parte dos núcleos urbanos das províncias ocidentais, durante a Antiguidade Tardia assiste-se ao abandono de muitos dos antigos espaços públicos (templos e foros), aparecendo ao mesmo tempo novas estruturas, muitas delas eclesiásticas, que tornam visível o estatuto da cidade e da sua população (Sánchez e Morín, 2015: 104; Vieira, 2016: 41).

### 3. O MUNDO FUNERÁRIO EM CONTEXTO URBANO

O mundo funerário é outro indicador fundamental para detectar e testemunhar as mudanças sociais que se produzem durante a Antiguidade Tardia. Nesta época assiste-se à descentralização das necrópoles, estando este factor mais relacionado com o processo de transformação urbana que com a difusão do cristianismo. Durante a sua fase inicial, a reorganização da topografia do subúrbio, provavelmente reflectiria a complexidade e diversidade social das novas comunidades (Sánchez e Morín, 2015: 106-107; Vieira, 2016: 42).

Durante esta época produz-se uma ruptura em relação aos usos e organização do espaço funerário que tinha tido a cidade romana

clássica. A topografia caracteriza-se pela descentralização do lugar que tradicionalmente ocupavam as antigas necrópoles. Este processo supõe o abandono de muitos dos antigos sectores de enterramento, normalmente vinculados às principais vias que confluem na cidade, resultando na mudança destes espaços de enterramentos (Sánchez e Morín, 2015: 107; Vieira, 2016: 42).

Relacionadas com os distintos processos de transformação e com a formação de uma nova paisagem urbana, tem de se ter em conta que, as sepulturas urbanas ou intramuros parecem ser um indício da perda definitiva do significado sagrado do antigo *pomerium*, assim como a eliminação da sua sacralidade, que na cidade tardia é substituída por novos elementos sacros que definem o espaço urbano (Cantino Wataghin 1999: 147 – 180; Sánchez e Morín, 2015: 118; Vieira, 2016: 42-43).

É importante referir que a manutenção de um perímetro simbólico e religioso é independente da cerca defensiva em si, podendo coincidir, mas apenas por motivos topográficos. Esta constatação transforma a inteira questão da retracção no terreno de perímetros tardios, libertando-a do constrangimento religioso (De Man, 2008: 226).

O desejo dos fiéis de descansar *ad sanctos* supõe, incluindo as igrejas episcopais, uma nova relação entre vivos e mortos desconhecida até ao momento entre os costumes dos primeiros tempos cristãos, demonstrando que existe um vínculo entre lugares de celebração martirial e o centro episcopal (Godoy, 2005: 66; Sánchez e

Morín, 2015: 118; Vieira, 2016: 43), parecendo evidente a atracção que exerce o próprio conjunto episcopal para o estabelecimento de uma necrópole no seu espaço de influência (Sánchez e Morín, 2015: 118; Vieira, 2016: 43).

Tem de se destacar que em todo o processo de gestação dos novos espaços urbanos, a importância da relação das necrópoles com as estruturas religiosas deve ter sido muito elevado. A topografia funerária parece ser mais importante do que a "importância urbana" no momento de situar as estruturas que determinarão o centro de poder eclesiástico da cidade da Antiguidade Tardia e a paisagem da futura cidade medieval (Sánchez e Morín, 2015: 119; Vieira, 2016: 43).

As mudanças mais antigas que começam a forjar a primeira imagem da cidade cristã produzem-se aos poucos nas necrópoles dos subúrbios durante o século IV, ligadas às manifestações de culto martirial. O mundo funerário é o primeiro cenário urbano claro do desenvolvimento topográfico do cristianismo, sendo protagonista na criação de uma nova linguagem que condicionará a imagem da urbe tardia e preparará a paisagem da medieval. Muitos investigadores actuais classificam a estrutura urbana da cidade da Antiguidade Tardia como policêntrica por estar organizada em função de diversos espaços sacros e novos centros religiosos, monumentalizados por uma nova e própria arquitectura (Sánchez e Morín, 2015: 108-110; Vieira, 2016: 43).

As cidades da Hispânia não se mantiveram à parte do fenómeno das sepulturas urbanas. Este processo em que os enterramentos se espalham dentro dos perímetros amuralhados está ligado à profunda transformação que experimenta a cidade clássica, ao mesmo tempo origem da cidade medieval. O cristianismo e as suas manifestações urbanas são o elemento essencial que altera a limitação topográfica e funcional do espaço intra e extramuros. Esta superação da estrita e antiga separação entre a zona habitada e a zona destinada a necrópoles resultou em duas mudanças importantes: a relação que a população estabelece com os seus defuntos, e a forma como as pessoas percebem e vivem no espaço urbano. A origem da convivência de vivos e mortos está na dinâmica urbana, própria da cidade tardia, que a partir deste momento é organizada em função de distintos polos de atracção relacionados com o culto cristão situados tanto intramuros como extramuros (Gurt e Sánchez, 2008: 196; Gurt e Sánchez, 2010: 332; Vieira, 2016: 43-44).

#### **4. A ESFERA RELIGIOSA DA CIDADE**

Uma boa parte dos estudos realizados sobre a cidade da Antiguidade Tardia centraram-se na investigação do complexo episcopal como principal motor da estruturação da cidade cristã, interessando-se por compreender a sua complexidade monumental e a sua topografia (Guyon 2005: 116; Cantino Wataghin e Guyon 2007: 285-328; Sánchez e Morín, 2015: 114; Vieira, 2016: 44). Geralmente as mudanças mais

significativas detectadas nos complexos episcopais peninsulares produzem-se entre a segunda metade do século VI e inícios do VII, ou seja, quando se consolida a estrutura estatal da monarquia visigótica e com ela a rede de bispados fruto do III concílio de Toledo em 589 (Sánchez e Morín, 2015: 114; Vieira, 2016: 44).

A topografia dos *episcopia* durante a Antiguidade Tardia esteve provavelmente sujeita, também, a factores sociais, políticos e económicos, intrínsecos de cada cidade e existentes no momento de projectar o conjunto cristão (Sánchez e Morín, 2015: 115; Vieira, 2016: 44). O *episcopium*, que substituiu os centros monumentais de época alto-imperial como o centro da cidade durante a Antiguidade Tardia, consolidou-se como um conjunto arquitectónico principal. O seu comportamento como uma entidade urbana em contínua evolução arquitectónica pareceu reflectir o dinamismo e a força que alcançaram as novas elites locais (Gurt e Sánchez, 2010: 323; Vieira, 2016: 44).

Provavelmente não existiu um plano pré-definido que condicionava a construção dos *episcopia* num lugar concreto, a sua localização topográfica poderia depender das particularidades urbanísticas de cada centro urbano. O seu modelo de organização varia em cada cidade em função da disponibilidade de espaços abandonados, ou da localização de certos edifícios que as elites urbanas doaram à Igreja para cobrirem as novas necessidades litúrgicas (Gurt e Sánchez, 2010: 323; Vieira, 2016: 44).

No que diz respeito ao seu aparecimento na paisagem urbana, a maioria dos exemplos hispanos situam-se tanto próximos à muralha, como centrais, junto ou no foro, sendo que para o caso de Évora não há nenhuma evidência, assim como provavelmente extramuros relacionados com espaços funerários mais antigos, seguindo uma dinâmica muito próxima à que apresentam outros *episcopia* do Ocidente romano (Bonnet e Beltrán 2000: 467-490; Guyon, 2005: 18; Beltrán 2010: 31-49; Gurt e Sánchez, 2010: 323; Sánchez e Morín, 2015: 115; Vieira, 2016: 44-45).

Os complexos episcopais dispunham de outros edifícios que não tinham funções estritamente litúrgicas: o *atrium* e o palácio episcopal. Trata-se de dois componentes importantes na nova articulação urbana da cidade tardia. O *atrium* é um exemplo da arquitectura do poder episcopal que dignifica as funções do bispo, é um espaço de prestígio e de privilégio unido exclusivamente à dignidade episcopal. Formava parte de um complexo arquitectónico mais amplo, no qual se localizava num lugar próximo à igreja e aos aposentos privados do bispo. Ignora-se como seria a sua planta e que elementos estruturais o definiam. O bispo utilizaria o *atrium* como um lugar polivalente, para recepções e audiências, reuniões, com um carácter judicial, e até assistencial (Gurt e Sánchez, 2010: 330; Vieira, 2016: 45).

A associação e inserção topográfica da residência do bispo no mesmo espaço onde este exercia a sua actividade pastoral, é uma prova do aumento da importância que os grupos episcopais

foram adquirindo. A realidade arqueológica na Hispânia não permite distinguir o edifício onde residiria o bispo dentro dos conjuntos episcopais, tendo-se que confiar nas fontes literárias. Segundo *A Vitae Sanctorum Patrum Emeretensium*, o palácio, que se encontrava junto à catedral, era uma construção com mais de uma planta de altura e organizada à volta de um peristilo (Alba, 2005: 230; Gurt e Sánchez, 2010: 331; Vieira, 2016: 45).

## 5. OS DADOS DISPONÍVEIS PARA A CIDADE DE ÉVORA

No que diz respeito aos dados disponíveis para a cronologia em estudo, no Museu de Évora estão conservadas três peças arquitectónicas (capitel nº ME 18312, cancela nº ME 4120, pé de altar nº ME 18317) pertencentes a uma provável igreja/basilica visigótica que terá existido perto do templo romano, ao nível do actual museu e da Sé Catedral, uma vez que foram descobertas aquando das escavações no âmbito da remodelação do Museu (Wolfram, 2011: 171; Vieira, 2017: 67).

Em 1996 durante a intervenção no museu de Évora pela empresa Arkhaios foi identificado um nível de grandes lajes de pedra em mármore, dispostas em alinhamento O-E. Uma destas pedras foi identificada como sendo uma laje de cancela visigótica e foram encontradas algumas cerâmicas tardo-romanas. Foi ainda encontrada uma laje de mármore com decoração de tipo visigótico, apresentando encaixes laterais para as

cancelas desta época, sendo utilizada como tampa de uma sepultura. Os responsáveis pela intervenção descreveram a peça dizendo que era uma laje de mármore com decoração à base de círculos secantes e tangentes envolvendo botões e faixa com motivo ondulante envolvendo pequenas rosetas e apresentando encaixes laterais típicos para as cancelas desta época. Esta peça pode indicar a presença de uma basílica no local ou proximidade (Processo: nº 2.00.001.loc.8, DRCA, T. Hauschild, Ana Gonçalves, 1996; Vieira, 2016: 67).

Na intervenção de 1998, pela mesma empresa, existe uma referência à primeira fase de construção de uma estrutura de planta circular, ligeiramente ovalada, construída em pedra e com uma forma em perfil semelhante a uma “falsa cúpula” (Processo: nº 2.00.001.loc.8, DRCA, T. Hauschild, Ana Gonçalves, 1998; Vieira, 2016: 67).

Em 2008, aquando do acompanhamento da obra realizada no museu, foi identificado um bloco de mármore, aparelhado e com forma paralelepípedica, decorado com uma cruz em duas das suas faces, com uma provável cronologia do período visigótico. Pode tratar-se de um elemento decorativo que se inseria no espaço arquitectónico de um edifício deste período em que são características peças com decoração de contexto litúrgico (Processo: nº 2.00.001.loc.8, DRCA, Inês Simão, Sandra Brazuna, 2008; Simão e Brazuna, 2010: 78; Vieira, 2016: 67).

No que se refere à antiga igreja de S. Pedro, situando-se esta na actual Rua Diogo Cão,



a ficha do Endovélico refere em 1998 que “os trabalhos arqueológicos realizados na antiga Igreja de São Pedro, uma das mais antigas paróquias da Cidade de Évora, que no século XII servira de Igreja Templária, mas antes fora já ermida, vieram confirmar a antiguidade do edifício e a veracidade das fontes documentais escritas. Cedo foi alvo de remodelações, que lhe foram sucessivamente alterando a fisionomia original e culminaram no século passado com a dessacralização do local. Este antigo edifício não foi excepção ao hábito funerário de sepultar os mortos, traduzindo-se na reutilização e perturbação dos espaços já ocupados no seu interior. Foram detectados até ao Momento três fases de enterramentos, correspondentes a

períodos cronológicos distintos que vão do século VI ao XV.” Existe a probabilidade de que neste local se situe o espaço funerário contíguo à igreja visigótica situado sob o actual Museu de Évora, 100 metros a Norte. A provável continuidade de ocupação entre estes dois pontos (a antiga igreja de S. Pedro e o actual Museu de Évora) foi confirmada pelo acompanhamento arqueológico realizado em 2002 no actual Largo Dom Miguel Portugal, onde foi encontrado um espaço funerário ininterrupto entre o período romano e medieval (Wolfram, 2011: 172; Vieira, 2016: 67-68). Em relação aos espaços funerários podem propor-se algumas hipóteses no que diz respeito ao facto destes terem, ou não ligação entre si.



*Imagem 1: Localização da provável basílica e respectivo(s) recinto(s) funerário(s). Elaboração própria a partir de Google Earth.*

Estes dois espaços funerários podiam ser independentes, sem ligação directa entre eles, contudo a relativa curta distância entre os dois pode contribuir para descartar esta hipótese (Vieira, 2016: 68). Existe ainda a hipótese dos dois núcleos funerários constituírem um único espaço funerário. Para esta proposta podemos apoiar-nos no facto de que durante a Antiguidade Tardia o perímetro das cidades viu-se reduzido, contribuindo para uma maior concentração de estruturas no recinto intramuros.

Relacionado com a questão da redução do tecido urbano durante a Antiguidade Tardia, é importante referir que um perímetro urbano reduzido não equivale necessariamente a uma diminuição demográfica (De Man, 2008: 239), sendo que uma parte considerável da população da cidade podia estar concentrada nos *suburbia*, bem como as manufacturas. Se demonstrado, este fenómeno pode provar que a evolução urbana de Évora seguiu um modelo proto-medieval, caracterizado por um núcleo militar e administrativo, com um anel circundante habitacional e comercial (De Man, 2008: 240).

## 6. CONCLUSÕES

Ao longo do presente artigo tentámos, com recurso à informação existente no que diz respeito às cidades na Antiguidade Tardia e aos dados disponíveis sobre a cidade de Évora, apresentar uma “imagem” do que pode ter sido a componente funerária/religiosa da referida urbe.

Até à data, a falta de estudos e de dados têm sido um dos maiores entraves no que diz respeito à análise desta cidade durante a cronologia em estudo. Contudo, mesmo que poucos, os dados permitem efectuar uma reflexão dos edifícios que poderiam compor a cidade.

Tendo sido sede de bispado Évora não seria uma cidade desprovida de importância, deve ter tido uma igreja/basílica que poderia estar inserida no complexo episcopal. Sem dados concretos, não o podemos afirmar já que o complexo poderia localizar-se nos arredores do perímetro amuralhado, não sendo obrigatório localizar-se intramuros.

Com mais probabilidade, mas igualmente sem certeza, podemos afirmar que na actual zona do Museu e Sé localizava-se a, anteriormente referida, igreja/basílica principal da cidade e junto a esta, no Largo Dom Miguel Portugal, a necrópole que poderia prolongar-se até ao actual local da Rua Diogo Cão.

Apesar dos escassos dados disponíveis, é possível afirmar que durante a Antiguidade Tardia, Évora teria sido uma cidade com alguma notoriedade tanto a nível local como a nível peninsular.

## BIBLIOGRAFIA

- Alba Calzado, M. 2005: Evolución y final de los espacios romanos emeritenses a la luz de los datos arqueológicos (pautas de transformación de la ciudad Tardoantigua y Altomedieval). Em T. Nogales (ed.): *Augusta Emerita, Monografías emeritenses*, 8, *Augusta Emerita. Territorios, Espacios, Imágenes y Gentes en Lusitania Romana*: 209-255.
- Beltrán, J. 2010: Barcino, de colonia augustea a sede regia en época visigoda. Las transformaciones urbanas a la luz de las nuevas aportaciones de la arqueología. *Arqueología, Patrimonio y desarrollo urbano problemática y soluciones. Actas del Seminario de Girona, 3 de julio de 2009*. Ajuntament de Girona: 31-49.
- Bonet, CH e Beltrán, J. 2000: El primer grupo episcopal de Barcelona. Em G. Ripoll e J.M. Gurt (eds.): *Sedes Regiae (400-800 d.C)*. Memorias de la Real Academia de Buenas Letras de Barcelona, 25: 467-490.
- Cantino Wataghin, G. 1999: The ideology of urban burials. Em G.P Brogiolo e B. Ward Perkins (eds.): *The idea and ideal of towns between Late Antiquity and Early Middle Ages*, vol. 4. Brill: 147-180.
- Cantino Wataghin, G e Guyon, J. 2007: Tempi e modi di formazione dei gruppi episcopali in Italia Annonaria e Provenza. Em M. Marcenaro (ed.): *Albenga città episcopale. Tempi e dinamiche della cristianizzazioni tra Liguria di Ponente e Provenza. Convegno Internazionale e Tavola Rotonda. Albenga, Palazzo, Vescovile: Sala degli Stemmi e Sala degli Arazzi*, 21-23, Istituto internazionale di studi liguri: 285-328.
- Cerrillo Martín de Cáceres, E. 1995a: Los últimos romanos en Lusitania. Entre la tradición y el cambio. *Cuadernos emeritenses*, 10. Museo nacional de arte romano: 11-48.
- Cerrillo Martín de Cáceres, E. 1995b: Cristianización y Arqueología Primitiva de la Lusitania: las áreas rurales. *IV Reunio d'Arqueologia Cristiana Hispanica, = IV Reunião de Arqueologia Crista Hispanica: Lisboa, 28-20 de setembro, 1-2 d'octubre de 1992= Lisboa, 28-30 setembro, 1-2 outubro 1992*. Institut d'Estudis Catalans: 359-375.
- De Man, A. 2008: *Defesas Urbanas Tardias da Lusitânia*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

- Godoy Fernández, C. 2005: Les ciutats d'Hispania sota la protecció dels sants màrtirs. Transformacions del concepte espai religiós entre l'Antiguitat Tardana i l'edat Mitjana. Em J.M Gurt e A.V Ribera (eds.): *Actas VI Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispànica. Les ciutats tardoantiques d'Hispana: cristianizació i topografia*. València, 8, 9 i 10 de maig de 2003 (Vol. 9). Institut d'Estudis Catalans: 63-72.
- Gurt Esparragera, J.M e Sánchez Ramos, I. 2008: Las ciudades hispanas durante la Antigüedad Tardía: una lectura arqueológica. *Zona Arqueológica*, 9. Ejemplar dedicado a: Recópolis y la ciudad en la época visigoda: 181-200.
- Gurt Esparragera, J.M e Sánchez Ramos, I. 2010: Topografía cristiana en Hispania durante los siglos V y VI. *El tiempo de los bárbaros. Pervivencia y transformación en Gallia e Hispania (ss. V-VI dC)*. *Zona Arqueológica*, 11. El tiempo de los "Bárbaros". Pervivencia y transformación en Galia e Hispania (ss. V-VI d.C): 320-345.
- Guyon, J. 2005: Les groupes épiscopaux en Occident. Em J.M Gurt e A.V Ribera (eds.): *Actas VI Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispànica. Les ciutats tardoantiques d'Hispana: cristianizació i topografia*. València, 8, 9 i 10 de maig de 2003 (Vol. 9). Institut d'Estudis Catalans: 15-35.
- López Quiroga, J e Bango García, C. 2005: Los edificios de culto como elemento morfogenético de transformación y configuración del paisaje rural en la Gallaecia y en la Lusitania entre los siglos IV y IX. *CUPAUM* 31-32, 2005-2006: 29-59.
- Romaní Sala, N e Acero Pérez, J. 2014: La red de saneamiento de las ciudades hispanorromanas en época bajoimperial y tardoantigua: transformación y abandono. *XVIII CIAC: Centro y periferia en el mundo clásico: 1801 - 1805*.
- Sánchez Ramos, I e Morín de Pablos, J. 2015: Los paisajes urbanos de la Antigüedad tardía en Hispania. *Espacio Tiempo y Forma. Serie I, Prehistoria y Arqueología*, (7): 97-128.
- Simão, I e Brazuna, S. 2010: Evolução urbana na colina central de Évora. Contributo da intervenção arqueológica no museu de Évora. *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 6: 75-82.
- Vieira, F. 2016: *O Mundo Rural e o Território de Évora durante a Antiguidade Tardia*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia e Ambiente apresentada à Universidade de Évora.
- Wolfram, M. 2011: *Uma síntese sobre a cristianização do mundo rural no sul da Lusitânia*. *Arqueologia – Arquitectura – Epigrafia*. Dissertação de doutoramento em História, na especialidade de Arqueologia apresentada à FLUL/Université Paris IV

Sorbonne, 3 volumes.

Wolfram, M. 2013: O poder durante a Antiguidade Tardia no Império romano ocidental e na Lusitania em particular. *Saberes e poderes no Mundo Antigo: estudos ibero-latinoamericanos*, vol. II-dos poderes; Fabio Cerqueira, Ana Teresa Gonçalves e Delfim Leão (orgs.): 283-293.

### **PROCESSOS CONSULTADOS**

Relatório Empresa ARKHAIOS, Intervenção Arqueológica Museu de Évora-1996. Nº 2.00.001.loc.8.

Relatório Empresa ARKHAIOS, Intervenção Arqueológica Museu de Évora-1998. Nº 2.00.001.loc.8.

Relatório Empresa ERA Arqueologia, Remodelação e Valorização do Museu de Évora-Acompanhamento 2008. Nº 2.00.001.loc.8.